

**SÉRIE ANTROPOLOGIA**

**171**

**A CORRIDA POR PAISAGENS AUTÊNTICAS:  
TURISMO, MEIO AMBIENTE E  
SUBJETIVIDADE NA CONTEMPORANEIDADE**

**Gustavo Lins Ribeiro**

**Flávia Lessa de Barros**

**Brasília**

**1994**

# A CORRIDA POR PAISAGENS AUTÊNTICAS: TURISMO, MEIO AMBIENTE E SUBJETIVIDADE NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>

Gustavo Lins Ribeiro  
Flávia Lessa de Barros

A difusão da idéia de desenvolvimento sustentável repercutiu de várias maneiras entre os diversos agentes interessados em crescimento econômico no mundo. O turismo é uma das atividades econômicas visivelmente influenciadas pela tentativa de elaboração de novos parâmetros que conceitualizem desenvolvimento como um processo "ecologicamente viável e socialmente justo, em termos das gerações presentes e futuras" (Almeida Júnior, 1993: 43). Assim, tornaram-se comuns expressões como "turismo ecológico" ou "ecoturismo", correspondentes a um segmento promissor de uma das indústrias mais dinâmicas da economia mundial, numa era em que as mudanças para uma economia com ênfase no consumo e no lazer fazem com que o setor de serviços experimente um crescimento inusitado.

Para muitos, trata-se de um novo momento da história capitalista, com novas ideologias, agentes, padrões de distribuição dos fatores de produção e formas de sociabilidade. Modificam-se as relações entre os setores de ponta da economia. As chamadas indústrias limpas, baseadas em grande concentração de conhecimento técnico-científico e emblematicamente representadas pela eletrônica, informática e biotecnologia tomam o lugar clássico ocupado pela metalurgia e a tecelagem, tipicamente associadas a padrões de produção altamente poluentes, de exploração intensiva e predatória de recursos naturais. Por esta via, a equação pesquisa-desenvolvimento torna-se ainda mais estratégica para a eficácia tecnológica e econômica.

Neste período de transição, o ambientalismo - ideologia política que remonta ao século XIX - ganha espaço enquanto interlocutor dos diversos agentes formadores do campo político da discussão sobre desenvolvimento, estimula a criação de novos produtos, mercados e estilos de desenvolvimento mais condizentes com as novas dinâmicas e relações de hegemonia internas ao capitalismo, e também possibilita a redefinição de modelos de produção de atividades econômicas tradicionais. Desenvolvimento sustentável é a matriz capacitadora da nova coalisão de atores (Ribeiro, 1991).

Difícil de imaginar contexto mais favorável para manter o crescimento do turismo, atividade que já era denominada de "indústria sem chaminés", limpa por excelência. Evidentemente, além de se adequarem às novas circunstâncias, os operadores do turismo também as maximizam, ampliando seu espectro de atuação. São agregadas aos *tours* tradicionais atividades sintonizadas com o novo valor que tanto a natureza quanto o exótico têm para a economia e para a construção de identidades nas sociedades de massas contemporâneas. Atualmente, encontra-se um amplo leque de empreendimentos que

---

1. Texto a ser publicado na Revista **Humanidades**.

variam desde o balneário mexicano de Cancún (supostamente eco-arqueológico), passando por viagens para caminhadas ecológicas no Tibet ou na Amazônia, até rápidas visitas a sítios públicos ou privados, próximos a centros urbanos. A pesquisa em Ciências Sociais sobre turismo tem crescido consistentemente, conformando, hoje, uma literatura diferenciada que, diante da diversidade de ângulos suscitada pelo objeto, trata de temas como impactos sócio-ambientais; políticas públicas de desenvolvimento e de meio ambiente; turismo como vetor de migrações e formação da modernidade, da pós-modernidade ou da sociedade pós-industrial; o exótico, sua mitificação, manipulação e mercantilização na sociedade de massas; efeitos da globalização econômica e cultural; transnacionalismo; novas formas de colonialismo e dependência; desenvolvimento regional e novas formas de integração no sistema mundial; mudança sócio-cultural, contatos interétnicos e marginalização de minorias sociais, étnicas e culturais (veja, por exemplo, Rossel, 1988; Crick, 1989).

Não pretendemos tocar em todos os aspectos possíveis desta problemática. Para efeito de uma classificação inicial, subdividiremos o **turismo ecológico** em quatro grandes categorias que compartilham características como a sensibilidade por parte dos turistas a distintas ideologias ambientalistas ou suas necessidades em se diferenciarem de outros indivíduos das sociedades de massas, mas se distinguem sobretudo nas dimensões e qualidades das infra-estruturas disponíveis para sua realização. São elas:

1) "turismo tipo-Cancún", que apresenta um grande complexo de infra-estrutura de transportes, comunicação e serviços na região visitada, "região-alvo", e em diversos pontos de saída, "de captação", dispersos no mundo; consistindo em empreendimentos de capitalismo transnacional apoiados por uma retórica de respeito ao meio ambiente e cultura locais;

2) "turismo tipo institucional-ambiental", onde o visitante de uma unidade de conservação é admitido e frequentemente guiado dentro de um território delimitado, devendo seguir regras pré-estabelecidas para usufruir daquela área diferenciada;

3) "turismo tipo aventura de luxo pseudo-científico-humanista", onde o turista em transporte rápido, seguro e confortável, frequentemente guiado por personalidades ou autoridades ambientalistas, visita a mãe-natureza e o bom-selvagem;

4) "turismo tipo aventura desportista-de-grupo" (como *hiking*, *treking*, canoagem, alpinismo, espeleologia), que inclui modalidades alternativas de baixo investimento de capital fixo mas de alto retorno; apoiado em ideologias ambientalistas e/ou místico-religiosas.

Apesar da variação de escala, os empreendimentos associados a estes tipos apresentam impactos sócio-ambientais ou distorções na distribuição de seus benefícios que os tornam suscetíveis a certos questionamentos e relativizações enquanto atividades de desenvolvimento sustentável. Não há dúvida que as concepções vinculadas ao ecoturismo representam um avanço com relação ao turismo tradicional e o seu manejo superficial do exótico e da beleza natural. Suas posições mais elaboradas consideram, por exemplo, os problemas provenientes do choque cultural e questões de difícil solução como a ampliação da distribuição da renda gerada para as populações locais. No entanto, parece que o encontro desenvolvimentista, mesmo quando marcado por boas intenções, permanece com seus aspectos perversos criando resultados inesperados, mudanças indesejadas e dependências clientelistas ou patrimoniais.

Deste modo, interessa-nos mostrar como o turismo ecológico atende a diversas características da realidade social, econômica e cultural da contemporaneidade, ao mesmo tempo que apresenta problemas clássicos - ainda que sob a manta da retórica da sustentabilidade - de iniciativas desenvolvimentistas mais conservadoras e típicas de modelos tradicionais. Neste sentido, Cancún é um caso paradigmático, pois permite considerar não apenas o desenvolvimento sustentável enquanto ideologia manipulável por agentes econômicos - como o Estado, grandes empresários e agências multilaterais - que operam na escala do capitalismo flexível transnacional, como também vários requisitos cada vez mais evidentes na construção de identidades contemporâneas.

### **Cancún: a retórica da sustentabilidade**

Quem não ouviu falar de Cancún, o famoso balneário no estado de Quintana Roo, México? Em cerca de duas décadas, uma praia praticamente selvagem, localizada na periferia da economia mexicana, transformou-se no segundo ponto de maior afluência do turismo global, depois de Orlando-Disney-World (Box 1). Verdadeira mina de ouro de uma das maiores indústrias mundiais, é explorada intensamente pelo grande capital internacional assim como pelo Estado e empresários mexicanos. É impressionante a reluzente infraestrutura da "zona hoteleira" onde milhares de ricos turistas são apresentados a um México idílico. Hospedam-se em gigantescos hotéis, de escala condizente com o consumo da elite do sistema mundial que, se preferir, pode passar todo seu tempo nestes templos auto-contidos do lazer e do privilégio, *bunkers* que se constroem sobre a fantasia da busca da autenticidade, da sedução hedonista do prazer do consumo fácil, protegido e serviçal. A arquitetura é frequentemente pós-moderna, adequada ao gosto das corporações transnacionais. Às vezes, notam-se referências à mexicanidade pelo uso de cores fortes e formas que fazem lembrar os Maias.

Cancún está na entrada do Mar do Caribe, na ponta da península de Yucatán, uma das áreas dominadas durante muitos séculos pelos maias. De lá, por estrada asfaltada margeando um litoral de águas de cores únicas e protegido por um longo banco de coral, em cerca de 140 quilômetros se pode chegar a várias e importantes ruínas deixadas por aquela civilização, uma das mais complexas e sofisticadas do Novo Mundo (Box 2). Trata-se de trecho da parte mexicana da chamada **Ruta Maya**, um "projeto de circuito de turismo integrado" encomendado em 1967 ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) pelos governos do México, da Guatemala, de Honduras e de El Salvador, contando também com a cooperação da Comunidade Econômica Européia. O número especial da revista **National Geographic** sobre a Rota Maia, afirma ser um "projeto regional ambicioso, desenhado para exibir e preservar a herança cultural, histórica e ambiental" daquele povo (Garrett, 1989: 424). Sob uma área ambientalista, o projeto envolve uma grande população indígena, vários parques arqueológicos e diversas unidades de conservação com grande valor paisagístico. Segundo o representante da Organização dos Estados Americanos (OEA) no Brasil, "o projeto agora denominado Mundo Maia postula o uso racional do rico patrimônio cultural ali existente, dentro do contexto de um turismo sustentável e de baixo impacto, que estimule o desenvolvimento econômico, porém respeite os valores da população autóctone e os recursos naturais" (Vasco, 1994: 7).

Localizados na Rota Maia, Cobá e Tulum são centros cerimoniais representativos de momentos diferentes do poder da elite político-religiosa maia. Desde Cancún, já na direção da cidade de Mérida (capital do estado de Yucatán), estão, dentre outras, as fantásticas ruínas de Uxmal e Chichen-Itzá. Com suas imponentes pirâmides e edifícios públicos, foram, no passado, mecas maias. Hoje, são atrações turísticas demonstrativas da sofisticada relação entre a arquitetura e a cosmologia daquele povo que continua vivendo na área, geralmente em posições subordinadas.

É complicada a história da relação entre brancos, *mestizos* e maias. Até o presente, índios e mexicanos estão imersos em conflitos graves. Veja-se o movimento indígena da Frente Zapata de Liberação Nacional (FZLN), em Chiapas. O México é um país herdeiro de um passado pré-colombiano glorioso, marcado também pelas realizações de Aztecas, Toltecas e Olmecas. Sua história é a história da violência contra os índios. Como em outras nações latino-americanas onde os colonizadores encontraram uma grande população indígena, a força de trabalho nativa foi explorada impiedosamente, tendo sido a fonte principal de toda a riqueza.

É dúbio o lugar do nativo no México. Por um lado, as muitas etnias que lá vivem são representadas como um atraso e um problema para o ingresso do país na modernidade, cuja proximidade o ideário neo-liberal pontifica, especialmente com o tratado de livre comércio, o NAFTA. O conflito com a FZLN dramatiza a posição dos milhões de mexicanos indígenas. Por outro lado, a elite, no seu esforço de diferenciar a nação mexicana *vis-à-vis* outras, manipula o passado nativo pré-colombiano como uma marca da diferença e do poder dos mexicanos. O Museu Nacional de Antropologia na Cidade do México, fabuloso em todos os sentidos, é um índice da importância que a elite política e intelectual dá ao passado arqueológico para a construção da nação.

Quintana Roo e Yucatán, os dois estados na esfera imediata de influência de Cancún, encontram-se entre os mais pobres da federação mexicana. Com uma grande população maia até hoje falante do idioma nativo, o impacto do turismo nestas áreas tem sido enorme e tende a aumentar com o crescimento deste pólo de desenvolvimento que baseia parte da sua mística em um conjunto de fatores: proximidade com o grande mercado norte-americano; infra-estrutura hoteleira de última geração; estar em um local paradisíaco do Caribe onde águas transparentes e calmas permitem inclusive aos menos experientes mergulhar em verdadeiros aquários naturais; clima tropical e selvas com fauna exuberante e acesso fácil a alguns dos mais importantes sítios arqueológicos remanescentes de uma das mais interessantes civilizações desaparecidas. Constitui uma combinação imbatível, capaz de satisfazer de Indiana Jones a Gro Brundtland, de Jacques Cousteau a Ted Turner.

Os mexicanos, cientes das tendências ideológicas das elites mundiais, cunharam a expressão turismo eco-arqueológico, um bom rótulo para um produto cada vez mais valorizado no mercado do turismo: o exotismo. Em Cancún o exótico está garantido por uma dupla mercantilização, a da natureza, com seus ares caribenhos e tropicais (o eco); e a do passado material maia, com seus monumentos e realizações (o arqueológico). Como em outros lugares, retórica de baixo impacto sócio-ambiental e de desenvolvimento sustentado à parte, muitas das mais graves transformações trazidas pelo turismo mundial estão sendo experimentadas pelos nativos, os *mayas vivientes*.

Uma pesquisa de antropólogos da Universidade de Massachusetts (Amherst - EUA), na zona de influência de Cancún, está demonstrando o alcance das mudanças provocadas pela desenvolvimento turístico e sua infra-estrutura (estradas, meios de

comunicação de massa e hotéis ao lado de comunidades indígenas como o Club Med, em Cobá). Assiste-se à transformação acelerada de nativos-camponeses em assalariados de baixa renda. Os novos e intensos fluxos migratórios, para Quintana Roo, vêm mudando as relações de trabalho e os padrões de assentamento, intensificando o ritmo de urbanização, diminuindo a presença de estratégias tradicionais de sobrevivência, reduzindo o acesso à terra e a outros recursos, aumentando as pressões sobre os grupos domésticos e suas organizações e ocasionando mudanças culturais desde transformações linguísticas a impactos na dieta alimentar. Os maias, em suma, estão claramente na posição de objetos das iniciativas desenvolvimentistas.

Em Akumal, aproximadamente a cem quilômetros de Cancún, na entrada de um balneário famoso por suas excelentes qualidades para mergulho, um segmento de uma comunidade maia foi reassentado da estrada que dava acesso à área porque representava uma poluição visual para o turista. Foram transferidos para uma área aberta na mata, impossível de ser vista da estrada, a quilômetros de distância de parte de suas redes sociais e de parentesco, assim como de seus empregos. Os remanescentes próximos ao centro turístico lutam por permanecer na área.

Além destas transformações mais tangíveis, os contatos com *outsiders* tornam necessária a reestruturação do potencial interpretativo que cada cultura representa. Em uma pequena comunidade maia, extremamente pobre, recentemente deslocada para a margem da estrada que liga Tulum a Cobá, onde vende-se artesanato indígena para turistas, um dos autores deste artigo conversou com uma criança que frequentava uma escola nas redondezas. Após se inteirar que ele ali tinha chegado de avião e ônibus, e ao saber que era do Brasil, comentou: conheço este lugar, é de lá que vem *el jaguar blanco*! Estava clara a necessidade daquela criança de localizar um *outsider* nos termos dos referenciais do seu universo semântico. Era um índice de um dos primeiros efeitos do encontro desenvolvimentista sobre populações nativas ou "tradicionais": o sequestro de suas capacidades de compreender o que está acontecendo, ou de que forças são representativas aqueles atores sociais com os quais começam a interagir mais frequentemente. Mais vale classificar o Brasil como o país de onde vem "a onça branca" - sendo a onça um animal central na mitologia maia - do que permanecer sem uma interpretação/explicação. Afinal de contas, uma das razões da cultura não é dar sentido à vida?

### **Viagens: construção do sujeito e diferenciação social**

Com a saturação das imagens pelos meios de comunicação de massa que trazem uma circulação inusitada de ícones para consumo em grande escala, a experiência individual direta com o ambiente, a paisagem e os nativos - o *being there* dos antropólogos e dos turistas - passa a ser um valor dos mais apreciados para a afirmação do individualismo contemporâneo já que, pretensamente, propicia um afastamento dos simulacros e rotinas aos quais os indivíduos e suas redes sociais estão expostos no dia a dia. A ruptura do cotidiano, o descotidianizar, permite, em maior ou menor grau, sair da reprodução massiva, ossificada nas rotinas obrigatórias e previsíveis, tornando-se tanto um ângulo potencialmente revelador de aspectos desconhecidos da realidade quanto uma posição diferenciadora dos indivíduos. Assim são entendidas a sensação de liberdade -

ainda que temporária - que as viagens criam, e as recomendações de férias e mudança de ambiente para combater o *stress*. Não seriam estas razões centrais para o aumento da importância do turismo na economia contemporânea, somadas ao desenvolvimento das formas de transporte e comunicação e o crescimento do setor de serviços como um todo?

É igualmente notável o casamento entre ecologia e turismo, em uma era onde o ambientalismo se afirma como uma poderosa ideologia/utopia. Tudo leva a crer que tanto o ambientalismo resgatador da singularidade do natural, quanto o turismo, resgatador da experiência do "eu estava lá" e, portanto, de uma certa singularidade do sujeito na sociedade de massas, vieram para se estabelecer como dois grandes fatores de diferenciação social no presente.

A natureza depois de dessacralizada, objetificada e manipulada ao máximo pela sociedade industrial, passa a ser reencantada com valores ontológicos que se cristalizam em pólos como o de um conservacionismo radical incompatível com a presença humana ou o de um animismo do tipo Mãe Gaia. Experimentar uma relação *sui generis* com a natureza entendida enquanto algo fora ou além da cultura, é, pretensa ou momentaneamente, estar fora do fetiche do capitalismo industrial. Desta forma, o turista, sem o saber, entra na posição da descotidianização, do afastamento dos fetiches e simulacros correntes no seu mundo imediato. Isto é mais forte para os praticantes do turismo ecológico de pequena escala. No entanto, pela via do turismo massivo, aquele imediatamente colado às formas de reprodução do grande capital na sociedade de massas, o turista entra simultaneamente em outro universo de fetiches e simulacros do capital. Aqui Cancún é um bom exemplo, mas amplamente superado por Disney World, o ápice da hiperrealidade na contemporaneidade (Eco, 1984) e, não por acaso, centro mundial de turismo que baseia abertamente seu poder de atração na comercialização do simulacro, do produto do trabalho humano atual e não da natureza ou do passado arqueológico.

Tampouco é por acaso que a reestruturação do sujeito diante do inusitado, real ou virtual, seja frequentemente explicada através de alusões metafóricas a viagens. Alusões indicativas, quem sabe, de embriões empírico-existenciais de uma lógica e/ou perspectiva psicanalítica e antropológica. Assim, afirma-se que as viagens propiciam um retorno resignificado do passado para o sujeito que, ao defrontar-se com a impossibilidade do absolutamente novo, revisita suas próprias paisagens mentais, redescobrimdo-as com outros significados, reveladores, desta vez, de novas interpretações do seu lugar e dos outros no mundo. Já o deslocamento epistemológico que o sujeito deve realizar para estar na posição do estranhamento antropológico é comparado a uma viagem horizontal - como a do viajante que se desloca no espaço, afastando-se de sua sociedade e cultura - ou vertical, como a de um xamã que se desloca sobre um eixo simbólico radicalizando os limites internos da sua própria cultura (Matta, 1984).

À diferenciação social baseada em acesso a espaço residencial ou de trabalho, há que acrescentar aquela facilitada pelo grande avanço dos aparatos de comunicação e transporte, que se relacionam com o acesso à autenticidade de paisagens supostamente intocadas, localizadas nos espaços fragmentados globais. Estes espaços resultam de uma dupla necessidade estruturante e que apenas aparentemente é paradoxal. Por um lado, têm que ser, preferencialmente, reconhecíveis e previsíveis, pois se movimentam no âmbito das sociedades de massa, âmbito maior onde são validados pelos consumidores de fato ou potenciais. Em última instância, exotismo também tem limite e isto se traduz na tendência à padronização dos estilos de serviço, da arquitetura e do *design* dos equipamentos colocados

à disposição do turista. Por outro lado, estes espaços têm que ser diferentes e autênticos para justificar o traslado e a exposição, quem sabe, a um "outro" que, ainda que em grande medida fabricado, é real e não apenas virtual ou um simulacro tal qual oferece confortavelmente a mídia. A combinação destas necessidades estruturantes leva ao caráter circunscrito, de enclave turístico, onde o exótico assim o é enquanto possa ser controlado e consumido de acordo com os cânones determinados por agências de reprodução da sociedade de massas, como a televisão e os jornais.

Viajar sempre foi marca de distinção e poder. Mas, hoje, quando a compressão do espaço-tempo e o conseqüente "encolhimento do mundo" dinamizam as redefinições de ideologias e identidades em escala inusitada (Harvey, 1989), viajar, a trabalho ou a lazer, tende a se confundir cada vez mais com prestígio e poder. As fotografias e os vídeos de viagem (formas de reprodução das imagens controladas pelo indivíduo e não por agências da sociedade de massas) se constituem, assim, em verdadeiros troféus de comprovação da diferença.

*Ego trips* à parte, cabe lembrar o caráter cíclico da autenticidade programada pelo capital via turismo mundial. Afinal de contas, no próprio México, até pouco tempo, Acapulco, hoje em decadência, era a Cancún do presente. Tendo iniciado sua trajetória de centro turístico em princípios deste século, Acapulco começa seu desenvolvimento maior na década de 30. Com seus grandes hotéis, atraiu a presença e o investimento de grandes estrelas de Hollywood como Johnny Weissmuller, John Wayne e Cary Grant (Yañes Cruz, 1994:7). Hoje, a crise mexicana, o surgimento de novos destinos turísticos, não tão explorados, com infraestrutura reluzente e moderna; a falta de segurança para os turistas; a má qualidade dos serviços; a poluição de sua baía e a sujeira de Acapulco, levaram a uma crise sem precedentes na hotelaria e na indústria de turismo da cidade.

Será que aqueles vinculados ao ciclo de exploração de Acapulco podem dizer aos empresários de Cancún: nós somos vocês amanhã? Difícil saber com certeza. Mas, ao menos se pode afirmar: Cancún, *remember* Acapulco.

\*\*\*

Dadas as suas dimensões, Cancún é, certamente, um caso limite onde o tamanho do empreendimento acaba por implicar em impactos sócio-ambientais e distorções típicas de iniciativas desenvolvimentistas. Todo impacto sócio-ambiental é resultado de uma relação estreita entre as características internas do empreendimento e o cenário concreto onde é implementado. No entanto, uma iniciativa substancialmente menor como o ecoturismo na praia de Jericoacoara, uma área de proteção ambiental (APA) no Ceará, também produz profundas mudanças nos sistemas políticos, econômicos e culturais, inclusive de parentesco, da população local formada por pescadores tradicionais (Bindá, 1990). De fato, a presença de uma população humana frente a outra já representa em si um vetor de mudança com intensidade variável segundo as circunstâncias do encontro. Isto é igualmente verdadeiro com relação a espécies animais. Elizabeth Kemf, por exemplo, descreve os problemas causados por turistas que invadem territórios reservados à reprodução de tartarugas em praias gregas (Kempf, 1993). Será que estamos diante de conseqüências inevitáveis e objetivas do drama desenvolvimentista?



O turismo ecológico representa uma reforma necessária. Mas necessita ser aprofundada e não se deixar levar pela sedução do plano discursivo destinado a apaziguar consciências, criar novos consumidores sofisticados ou maximizar novas tendências ideológicas existentes entre os *decision-makers* atuantes no campo do desenvolvimento. É real seu potencial educativo, valorizando e difundindo a diversidade cultural e biológica.

Porém, na realidade, a eficácia do cunho ecológico que se busca aplicar a uma série de atividades é mais comumente restrita a fatores físico-bióticos do meio ambiente, em detrimento de aspectos sócio-culturais e político-econômicos característicos das populações locais. Assim, a redefinição dos modelos de desenvolvimento segundo "critérios ecológicos" tem se dado muito mais no sentido de uma adequação à idéia de "equilíbrio com o meio natural" do que em relação à de "justiça social", ao reconhecimento das populações humanas como os verdadeiros sujeitos do meio ambiente.

Como o ambientalismo é, num sentido amplo e complexo, um movimento histórico (Viola, 1991), é preciso que se atente às suas diferenças político-ideológicas internas, para que seja possível ao menos uma noção das reais consequências da redefinição do ecológico como uma problemática que exige o desenvolvimento sustentável como solução. A difusão deste novo conceito entre as diversas correntes político-econômicas não implica imediatamente que, além da situação dos recursos naturais, fatores sócio-econômicos, políticos e culturais também sejam questionados e ponderados, como condição da realização do desenvolvimento sustentável. A determinação do sentido de desenvolvimento sustentável é subordinada ao perfil político-ideológico dos diferentes agentes sociais e à própria forma como cada um destes constrói sua concepção de meio ambiente.

Existe uma variedade de concepções de meio ambiente e até mesmo muita imprecisão na "onda" da literatura ambientalista. Na tentativa de esquematizá-las, pode-se ao menos identificar duas perspectivas básicas. Por um lado, uma perspectiva "naturalista", que restringe ou privilegia o significado de meio ambiente em seus aspectos físicos e biológicos, dissociando a sociedade da natureza. Por outro lado, uma perspectiva "social-ambientalista" que, além do ambiente natural, considera o meio antrópico ou humano, sujeito aos empreendimentos do homem, condicionados essencialmente por relações sociais. Nesta concepção, o meio ambiente assume um significado mais abrangente, na medida em que é interpretado como o resultado das interrelações entre natureza e sociedade. Assim, a valorização da relação meio ambiente - qualidade de vida (entenda-se qualidade de vida social e não apenas natural) nas diversas vertentes, depende da amplitude da noção de meio ambiente. É justamente o grau de compreensão e valorização desta relação que orienta, na essência, a definição do modelo de desenvolvimento sustentável e seu nível de compromisso com as populações locais (Barros, 1993). Diante da diversidade dos conceitos de meio ambiente e de desenvolvimento sustentável, o refinamento destas definições transforma-se em tarefa acadêmica e política urgente, pois as populações objeto das iniciativas desenvolvimentistas são representadas com base nestas concepções.

Dado o crescente "encolhimento do mundo", o turismo tende a ser cada dia mais intenso e generalizado. Mais além das fantasias e funções cognitivas presas ao exótico, o turismo representa uma via de inserção na realidade do outro, de grande potencial pacifista e integrativo que, infelizmente, na maioria das vezes, termina por ser banalizada pela mercantilização. O debate em torno do ecoturismo incide fortemente sobre a problemática da gestão social de territórios e recursos naturais, uma das questões centrais para a demonstração da viabilidade do desenvolvimento sustentado. Neste sentido, resta para o

turismo ecológico enfrentar o difícil problema da ampla incorporação pelas populações locais dos benefícios gerados por suas atividades, de sua transformação, enfim, em sujeitos do desenvolvimento.

## BOXES

### **BOX 1.**

Cancún cresceu dramaticamente. De acordo com os antropólogos Magalí Daltabuit e Oriol Pi-Sunyer, no começo da década de 70, era uma vila isolada de pescadores com 426 residentes. Em 1990, possuía duas áreas: a "zona hoteleira", com aproximadamente 40 dos maiores hotéis (ofertando um total de 16.805 unidades), e uma "cidade de serviço", Cancún propriamente dita, com mais ou menos 300,000 habitantes. Se transformou na principal cidade do seu estado, em um importante centro de oferta de empregos a nível nacional, gerando ciclos na indústria da construção civil e do turismo.

### **BOX 2.**

O território maia chegou a abarcar 202.000 quilômetros quadrados, em áreas hoje pertencentes à Guatemala, Honduras, Belize, El Salvador e ao México (nos estados de Chiapas, Tabasco, Campeche, Yucatán e Quintana Roo). Com grandes realizações nas artes (escultura, cerâmica, pintura, joalheria, etc.), na matemática, engenharia, astronomia e literatura, a história maia está dividida em vários períodos que, em certa medida, refletem suas relações com outras civilizações como os Toltecas e Aztecas, a chegada do conquistador espanhol, o período colonial e o nacional. Toda cronologia tem algo de arbitrário, mas em geral três classificações são utilizadas para o passado pré-colombiano maia. O período Pré-clássico de 2000 a.c. até 250 d.c., o Clássico de 250 a 900 d.c. e o Pós-clássico de 900 até a Conquista espanhola do México em 1521. A era colonial durou de 1521 a 1821 quando se inaugura o período moderno até o presente. Grandes construtores, os maias deixaram longas estradas. Os sítios arqueológicos abrangem desde remanescentes de grandes cidades como Tikal e Chichen Itzá, até conjuntos de pequenos montes dificilmente visíveis. Muito ainda resta por fazer para desvendar a arqueologia e a etno-história deste povo que continua resistindo à assimilação total pelas nações nas quais se situam. Tanto na Guatemala quanto no México, por exemplo, a história da relação maias/Estado-Nação é frequentemente dramática, dadas a opressão e a exploração racistas. No México, a Frente Zapata de Liberação Nacional, o movimento armado de Chiapas, é por muitos entendida como um movimento indígena.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA JÚNIOR, José Maria. *Desenvolvimento sustentável: a universidade e a ética do planeta harmônico e da cidadania plena*. In: *Educação Brasileira*. nº15, pp. 37-55, Brasília, 1993.
- BARROS, Flávia Lessa de. *Desenvolvimento urbano, meio ambiente e qualidade de vida: Estado e movimentos sociais no Distrito Federal*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Sociologia/Universidade de Brasília, 1993.
- BINDÁ, Andréa Havt. *Turismo e Desenvolvimento na Área de Proteção Ambiental de Jericoacora*. Dissertação de Graduação. Departamento de Antropologia/Universidade de Brasília, 1991.
- CRICK, Malcolm. *Representations of international tourism in the social sciences: sun, sex, sights, savings. and servility*. *Annual Review of Anthropology* 1989. 18: 307-344.
- ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- GARRETT, Wilbur E. *La Ruta Maya*. *National Geographic* vol. 176, no. 4, Outubro 1989, pp. 424-478.
- HARVEY, David. *The condition of postmodernity*. Oxford: Basil Blackwell, 1989.
- KEMF, Elizabeth. *Tourism versus turtles*. In: Elizabeth Kemf (org.) *The law of the mother*. San Francisco: Sierra Club Books, 1993.
- MATTA, Roberto da. *O trabalho de campo como rito de passagem*. In: *relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1984, 4a. edição.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. *Ambientalismo e desenvolvimento sustentado. Nova ideologia/utopia do desenvolvimento*. *Revista de Antropologia* nº34, Universidade de São Paulo, 1991, pp. 59-101.
- ROSSEL, Pierre (org.). *Turismo: la producción de lo exótico*. Copenhague, IWGIA, 1988.
- VASCO, Miguel A. *OEA: desenvolvimento turístico*. *Correio Braziliense*, Brasília, 3 de maio de 1994, p. 7.
- VIOLA, Eduardo. *Desordem global da biosfera e a nova ordem internacional: o papel organizador do ecologismo*. *Lua Nova*, nº 20, pp. 146-178, São Paulo, 1990.
- YAÑEZ CRUZ, Carlos. *Se desploma la afluencia turística en Acapulco*. *El Universal*, México, D.F., 7 de abril de 1994, p. 7.